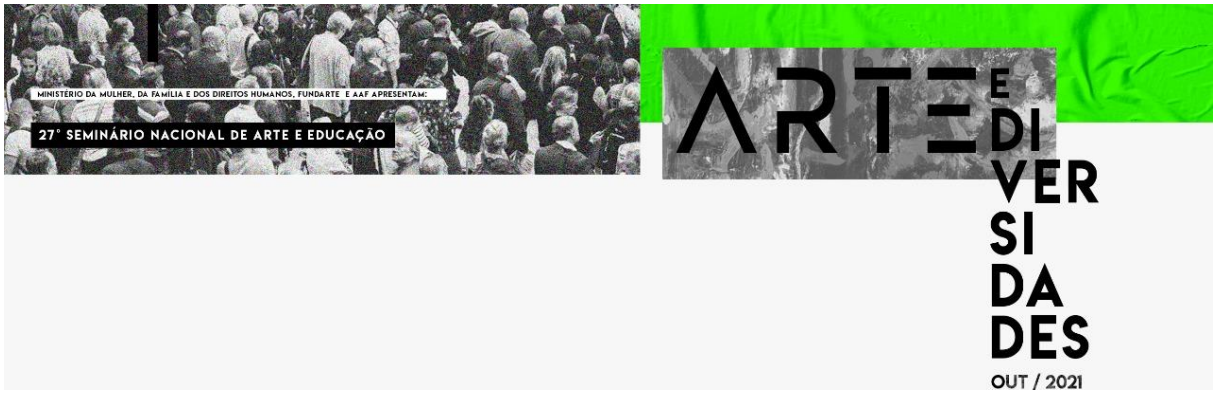

DANÇA E LINGUAGEM: PENSAMENTO, CORPO E PRODUÇÃO DE MUNDOS

Diego Ebling do Nascimento
Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC[1]
Sandra Regina Simonis Richter
Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC[2]

Resumo: Esta comunicação emerge de uma pesquisa em andamento no curso de doutorado em Educação e tem por objetivo refletir a relação entre dança e linguagem. Para tanto, com Heinz von Foerster, Jussara Setenta, Isabel Marques e Iraquitan Caminha, interroga a redução – ou simplificação – do fenômeno da linguagem à representação da palavra e ao campo da linguística para propor uma abordagem filosófica que considere o gesto poético do corpo como produtor de sentidos no e com o mundo. Compreender o acontecimento da dança como dimensão poética de linguagem é promover abertura de sentidos para outros mundos possíveis; é compreender a ação de dançar como produção de mundos.

Palavras-chave: Dança; Linguagem; Produção de sentido.

INTRODUÇÃO

O presente texto surge de estudos realizados para a elaboração do projeto de tese "*TRANS*FORMAÇÕES EM DANÇA-EDUCAÇÃO: constituição do professor-artista-pesquisador" desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Educação da

[1] Professor-artista-pesquisador na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutorando em Educação pelo PPGEdu da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Graduado em Dança: Licenciatura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Mestre e licenciado em Educação Física pela ESEF-UFPel. Especialista em "Dança e Consciência Corporal" (UGF) e em "Artes Híbridas" (UTFPR). Membro do grupo de pesquisa Estudos Poéticos: Educação e Linguagem (UNISC/CNPq). E-mail: digue_esef@yahoo.com.br.

[2] Graduada em Educação Artística, Habilitação Artes Plásticas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora e professora adjunta do Departamento de Ciências, Humanidades e Educação, atuando na Graduação, na Extensão e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul. Atualmente é coordenadora do PPGEdu da UNISC e líder do grupo de pesquisa Estudos Poéticos: Educação e Linguagem. E-mail: srichter@unisc.br.

NASCIMENTO, Diego Ebling; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Dança e linguagem: pensamento, corpo e produção de mundos. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-10, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, e tem como objetivo refletir a relação entre dança e linguagem. Nesses estudos, nos afastamos do problema da linguagem como ele se apresenta na tradição filosófica e na ciência linguística para nos aproximarmos do fenômeno da dança como potência poética de linguagem em sua força transfiguradora de sentidos que afirmam o vigor do corpo linguageiro em ação no e com o mundo.

Em diversas situações, mas em especial no decorrer do percurso formativo[3] na licenciatura em Dança e na pós-graduação em Educação, enfrentamos a interrogação posta pela questão da dança ser ou não ser linguagem. Dois posicionamentos distintos foram evidenciados. Se na graduação surgiu a forte tendência de negá-la como linguagem por considerar que essa questão já havia sido superada no campo da dança, foi na pós-graduação em educação que a interrogação da dança como fenômeno poético de linguagem se instalou.

Nossa participação no grupo de pesquisa Estudos Poéticos: Educação e Linguagem vêm contribuindo para refletir o encontro entre dança e educação a partir de estudos voltados para a dimensão poética da linguagem. A intenção acadêmica é interrogar a relação entre corpo e pensamento desde uma abordagem filosófica que permita afirmar a experiência vital de linguagem como experiência produtora de mundo que nele nos situa por conferir-lhe existência a partir da intimidade da experiência que o corpo faz dele.

Ao questionarmos a relação entre dança e linguagem com alguns professores e alguns colegas de curso de Licenciatura em Dança, a resposta foi o consenso de ser essa afirmação redutora da concepção de dança. O argumento

[3] A entrada no curso de Doutorado em Educação ocorreu simultânea à entrada no curso de licenciatura em Dança.

recorrente foi que a dança não era *apenas* linguagem. Aqui, consideramos importante prestarmos atenção à palavra "apenas". Tanto alguns colegas quanto alguns professores negam a dança como linguagem por considerarem importante a afirmação de que ela *vai além* da linguagem. Mas o que é ultrapassar a linguagem na ação de dançar?

Interrogar e pensar o fenômeno da experiência de linguagem supõe enfrentar um dos problemas filosóficos mais obscuros para o pensamento ocidental, pois só pode ser realizado em e pela linguagem. Contribui com esse limite ou paradoxo, a histórica compreensão de linguagem pautada pela lógica da cisão entre corpo e mente, sensível e inteligível, teoria e prática, e mais especificamente no campo das artes, pela divisão entre linguagem "verbal" e linguagem "não-verbal"[4] dada pelo esquecimento ocidental de que "o corpo não é o primo pobre da língua, mas seu parceiro homogêneo na permanente circulação de sentido" (LE BRETON, 2009, p. 42).

Para resistir ao histórico esquecimento do corpo na racionalidade ocidental abordamos o fenômeno do acontecimento de linguagem como produção de presença no mundo, como transfiguração, como efeitos de sentidos que ocorrem quando agimos no e com o mundo, isto é, quando escrevemos algo, quando dançamos, pintamos uma imagem, modelamos uma figura ou compomos uma melodia. Nesse sentido, sublinhamos o fenômeno da linguagem como experiência

[4] Para Le Breton (2009, p. 41-42), "a comunicação implica tanto a palavra quanto os movimentos do corpo e a utilização pelos atores tanto do espaço quanto do tempo. Tratar o enraizamento físico da palavra pronunciada, ou seja, a série de signos corporais que as acompanham como 'comportamento não-verbal', seria tão natural quanto referir-se à noite como o 'não-dia'. Nada obstante, um julgamento de valor nisso se exprime: trata-se do desprezo da simbólica corporal, tida por subalterna em consequência de sua associação a uma simples e superficial glosa da palavra emitida, a qual seria preeminente na hierarquia do sentido".

NASCIMENTO, Diego Ebling; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Dança e linguagem: pensamento, corpo e produção de mundos. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-10, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

existencial do humano, como horizonte primeiro de qualquer experiência do e no mundo, ou seja, tanto em relação à comunicação que explica e explicita ideias, quanto em relação aos valores sensíveis que podemos mostrar e compartilhar – estética e poeticamente – quando produzimos ou quando usufruímos encontros com dança, música, desenho, pintura, cinema, literatura, canto, poesia, teatro.

Por conseguinte, interrogamos se a questão da dança ir além da linguagem não seria passível de ser invertida. Será que afirmar que a dança não é *apenas* linguagem não reduz a própria concepção de linguagem?

Tanto no campo da pesquisa em artes como em educação predomina a concepção de linguagem como especificidade da linguística ao abordá-la estritamente como palavra e significado. Porém, a linguagem dos linguistas é um conceito lógico e jamais poético. Caminha (2019) contribui, desde a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, para afirmarmos que o fenômeno da linguagem ultrapassa essa concepção lógica ao destacar que a linguagem não apenas nomina o mundo, mas o inventa.

> A linguagem é, antes de tudo, gesto criativo do corpo que transfere toda sua gestualidade para o mundo com base em seus atos perceptivos. A linguagem concebida como gesto criativo do corpo revela o sentido de expressividade do mundo percebido como o inacabamento do fluxo das aparências das coisas. Nesse sentido, a linguagem que corre o risco de simplesmente nomear pode nos distanciar do mundo, no lugar de revelar seu inacabamento perceptivo (CAMINHA, 2019, p. 59)

Há quem afirme que a discussão da linguagem é ponto superado no campo de estudos da dança, pois a compreende como fenômeno complexo em sua especificidade de produção de sentidos pelo corpo sensível, ou seja, em sua autonomia na produção de conhecimento. Questionamos se entender a dança como

NASCIMENTO, Diego Ebling; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Dança e linguagem: pensamento, corpo e produção de mundos. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-10, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

linguagem implica retirar sua especificidade e sua autonomia na produção de conhecimentos. Aqui, cabe também interrogar, se dança é *somente* conhecimento. Não seria também pensamento?

Se situamos o entendimento do fenômeno da linguagem a partir da exclusiva referência ao campo representacional da dança, deixamos de fora as produções em dança das últimas décadas. Tais produções vêm promovendo a ampliação das concepções em dança no campo artístico por permitirem ir além da representação ao encontrarem, no jogo e na performance, nas ações do aqui e do agora, novas dramaturgias para a dança. A ampliação emerge da possibilidade de considerar, com Merleau-Ponty (1999), os movimentos voluntários do corpo vivo – o corpo realiza reflexão: sensível *se sente sentindo* – como intencionalidade não representacional pois perceber é já compreender.

Essa ampliação nas concepções de dança vem rompendo com a lógica estritamente topográfica[5] e partindo para produções que priorizam a organização topológica em dança. Enquanto na lógica topográfica, de modo geral, a organização coreográfica prioriza marcações geométricas realizadas pelo corpo em referência ao espaço no/do chão (linhas, colunas, círculos, semicírculos, diagonais, entre outras possibilidades), tendo como mote a "execução de passos" na superfície do papel/chão, a organização topológica busca outros modos de produção da cena da dança ao priorizar, em geral, as relações de jogo estabelecidas pela presença dos corpos dançantes. Essa perspectiva pode ser observada em diversos trabalhos de

[5] Como exemplo podemos citar o plano do quadrado branco de Feuillet, trazido por Lepecki (2017, p. 14), no livro intitulado Chorégraphie ou l'Art de Décrire la Danse, par Caractères, escrito por Raoul-Auger Feuillet em 1700. "A sala de dança é entendida não como um volume, mas como uma superfície. Daí poder ser representada por um quadrado branco traçado sobre uma página branca. É dentro desse quadrado branco que aquilo que Feuillet chamou de "a presença do corpo" toma lugar. Um corpo-hieroglifo, que Feuillet amalgama com várias letras sobrepostas".

NASCIMENTO, Diego Ebling; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Dança e linguagem: pensamento, corpo e produção de mundos. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-10, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

dança na contemporaneidade e realiza um deslocamento nas estratégias de composição coreográfica que apresentavam no passo e nos deslocamentos precisos sua forma de existência, passando a considerar o jogo como forma de relação entre os corpos e como produção do trabalho em dança.

A dramaturgia contemporânea da dança permite ultrapassar a limitação da ideia de linguagem apenas como representação do mundo e assumir, com o físico e filósofo austríaco-americano Heinz von Foerster (1996, p. 65), que "a linguagem vem primeiro, o mundo é uma consequência dela". Em consonância com a concepção científica de von Foerster (1996) de que a linguagem inventa e põe o mundo e não apenas o nomeia e representa, Marques (2012) a aproxima à ação de dançar para afirmar que

> A linguagem não espelha o mundo, ela é uma *ação sobre o mundo*. Toda vez que falamos, dançamos, brincamos, cantamos, estamos agindo sobre o mundo. A arte, compreendida como linguagem, portanto, tão pouco espelha o mundo, ela é, isto sim, ação sobre ele. Nessa linha de argumentação, a dança, compreendida como linguagem artística - e não somente como repertório – tem o potencial de agir sobre o mundo (MARQUES, 2012, p. 46, grifos da autora).

Para pensar essas questões Helena Katz, no prefácio do livro "O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade" de Jussara Sobreira Setenta (2008), destaca que a autora, embasada na teoria dos atos de fala do filósofo britânico John Langshaw Austin (1911-1960), "apresenta a linguagem como uma forma de ação, estende para fora do domínio do verbal a possibilidade de se tratar a linguagem fora da tirania do entendimento dela ser um processo de transmissão e veiculação de informações" (KATZ, 2008, s/p). Nessa lógica, o que Setenta (2008) propõe em sua obra é

NASCIMENTO, Diego Ebling; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Dança e linguagem: pensamento, corpo e produção de mundos. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-10, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

> não pensar a linguagem somente como aquilo que descreve o que está fora dela. Quando se compreende que a linguagem pode se constituir como um fazer-dizer, ou seja, como uma situação na qual o seu fazer seja simultaneamente o seu dizer, abandona-se a fala da dança como a arte do indizível. Ela não somente se torna dizível, como passa a ser vista como dizendo-se no seu fazer. Ao atar o fazer ao dizer, coloca o fazer ligado às informações que estão no mundo e, assim, ao vincular dança e mundo, politiza o seu discurso (SETENTA, 2008, s/p).

De tal modo, pautados nas concepções de von Foerster (1996) e na teoria dos atos de fala de Austin, citado por Setenta (2008), divergimos do entendimento da linguagem apenas como significado, porque ela não representa algo que está fora da própria linguagem, entendendo-a exclusivamente como referência, como meio, mensagem ou mediação, mas sim como ação no e com o mundo. A significação é, em si, uma ação de linguagem, ela inaugura sentidos.

> A linguagem é derivada de um modo de ser no mundo, vivido originalmente pelo corpo por meio dos atos perceptivos. Nesse sentido, não só o corpo ganha força expressiva, mas o próprio mundo. [...] A linguagem é sempre uma prática já realizada por nosso corpo enquanto ser-no-mundo (CAMINHA, 2019, p. 62).

Talvez, justamente, seja essa concepção alargada de linguagem aquela que permita sustentar concepções ampliadas de dança, na qual “as diferentes leituras da dança – de seus repertórios – nos permitirão também diferentes leituras de mundo” (MARQUES, 2012, p. 46-47). Ou seja, entendemos a dança como potencial produtora de realidade, de tal modo que na relação sentido e significado não há um sentido dado, pois ele precisa ser produzido.

Desse modo, podemos superar a visão limitada de que a dança, e também o fenômeno da linguagem, sejam meros meios – ou instrumentos – para alcançar a

NASCIMENTO, Diego Ebling; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Dança e linguagem: pensamento, corpo e produção de mundos. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-10, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

objetividade de uma ação no mundo e não como uma *experiência* de linguagem que produz mundos. A dimensão poética da linguagem estabelece um jogo entre o mundo-vivido e o mundo-imaginado, desestabilizando e produzindo interrogações sobre os mundos percebidos, no sentido de que

> (...) procuramos interrogar não aquilo que os artistas exprimem quando formulam opiniões sobre o mundo percebido, mas sua própria visão fazendo-se gesto sobre as obras de arte, que nos permite restaurar o solo perceptivo originário onde encontramos o silêncio primordial do mundo sensível (CAMINHA, 2019, p. 66).

Esse "silêncio primordial do mundo sensível" remete à presença de um sentido que excede nossa compreensão, uma plenitude do corpo que supera o já significado. Diz respeito à dimensão poética da linguagem. Cabe destacar que o termo poético, na acepção que o empregamos no grupo de pesquisa, não se refere ao conceito de poema, composição literária, mas ao vigor do agir como vitalidade do corpo – como força vital do gesto expressivo – não apenas dos fazeres, mas de tudo isto que é vida narrada. A dimensão poética, nesse sentido, mais do que a objetividade de uma ação, é um modo de agir que, por ser movimento do corpo no mundo, constitui "uma operação primordial de significação em que o expresso não existe separado da expressão" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 229), já que "a expressão é a linguagem da coisa mesma e nasce de sua configuração" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 432). No gesto expressivo encontramos uma totalidade indivisível entre linguagem e corpo. O irrepetível e único da confluência vital entre experiência temporal e experiência poética de linguagem emergem dos gestos expressivos do corpo, os quais promovem a propagação da sensualidade do

NASCIMENTO, Diego Ebling; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Dança e linguagem: pensamento, corpo e produção de mundos. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-10, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

sentir. Nesse sentido, com Jean-Luc Nancy (2014), compreendemos as artes como os distintos nomes dados à poética e seus relatos.

Consideramos relevante, no encontro entre dança e educação, “tratar o corpo como produtor de questões e não receptáculo reprodutor de passos ordenados e, longe de pretender encontrar soluções e respostas definitivas, [é necessário] investigar de que maneira os questionamentos do corpo estão se resolvendo no próprio corpo" (SETENTA, 2008, p. 20). Por essa concepção, e por nós termos e sermos linguagem, temos também diferentes modos de produzir e ler o mundo e, consecutivamente, diferentes modos de dançar. É importante, então, termos cuidado em nossos processos artístico-pedagógicos com os signos já significados, pois, se pretendemos produzir novos sentidos, na intencionalidade de promover espaço para o pensamento em nossas ações no mundo, somos exigidos a ir além da explicação e dos conhecimentos historicamente definidos.

Referências:

CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. *10 lições sobre Merleau-Ponty*. Editora Vozes, 2019.

FOERSTER, Heinz von. Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem. In: *Novos paradigmas, cultura e subjetividade.* Porto Alegre: Artes Médicas, p. 59-74, 1996.

KATZ, Helena. Prefácio. *In*: SETENTA, Jussara Sobreira. *O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade*. Edufba, 2008.

LEPECKI, André, Planos de Composição. In: LEPECKI, André et al. *Cartografias–Rumos Itaú Cultural Dança 2009-2010*. São Paulo: Itaú Cultural, 2010.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias:* antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARQUES, Isabel A. *Interações:* crianças, dança e escola. São Paulo: Blucher, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção.* Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NANCY, Jean-Luc. *El arte hoy.* Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2014.

SETENTA, Jussara Sobreira. *O fazer-dizer do corpo:* dança e performatividade. Edufba, 2008.